



A DIGNIDADE DE ENSINAR E APRENDER A TEOLOGIA SEGUNDO TOMÁS DE AQUINO, A PARTIR DO TEXTO PRINCIPIUM 'RIGANS MONTES'

Paulo Faitanin – Universidade Federal Fluminense.

Resumo. Ensinar é uma arte. Dependendo do que se ensina ela é virtude nobilíssima. É digno ensinar e aprender a teologia, já que ciência mais nobre não há. Por esta razão, exigem-se do mestre e do aprendiz desta sabedoria igual nobreza e dignidade. Nossa intenção neste artigo é apresentar um estudo sobre a dignidade de ensinar e aprender teologia em Tomás de Aquino, a partir da análise do texto de sua aula inaugural 'Principium Rigans montes de superioribus suis [SI 103,13]' na Universidade de Paris em 1256.

Palavras-chave: Tomás de Aquino, Tomismo, Teologia, dignidade, aula inaugural.

Abstract. Teaching is an art. Depending on what you teach it is the noblest virtue. It is dignified to teach and learn theology, since there is no noblest science. For this reason it is required from the master as well as from the apprentice of this wisdom equal dignity. Our intention in this article is to present a study about the dignity of teaching and learning theology in Thomas Aquinas, from the analysis of the text of his inaugurating class 'Principium Rigans montes de superioribus suis [SI 103,13]' at the University of Paris in 1256.

Keywords: Thomas Aquinas, Thomism, Theology, dignity, inaugural lecture.

INTRODUÇÃO

Cristo é a *verdade* oferecida como alimento¹ no sacramento da caridade². Tomás muito amou a Cristo e, justamente, por isso, muito amou também a verdade, mesmo que sua busca supusesse vivenciar constantemente a presença de Cristo na oração, nas lágrimas e na eucaristia³. Ele foi de Cristo, por isso foi cristão. Em sendo cristão, não havia como não buscar intensamente a verdade em sua fonte. Tendo sido cristão antes de tornar-se metafísico⁴, não

¹ PAPA BENTO XVI, *Sacramentum Caritatis*, n° 2.

² SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* III, q. 73, a.3.

³ Eram constantes na vida do Aquinate lágrimas e incessantes orações, duas assistências na celebração da eucaristia, uma celebrando e outra ouvindo: TORRELL, J.-P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino. Sua pessoa e obra*. Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 60, 331.

⁴ COPLESTON, F. *Thomas Aquinas*. London: Harper & Row Publishers, 1976, p. 111.

abandonou a metafísica ao tornar-se teólogo cristão⁵. Há coerência nisso, pois se amar a Cristo é amar a fonte da verdade, em qualquer lugar onde se encontre a verdade, aí será encontrado Cristo. Não diferente seria na filosofia que por excelência serve de instrumento para a teologia. Neste espírito empenhou-se veementemente ao estudo da teologia e da filosofia, embora sempre subordinasse à teologia os seus estudos filosóficos. Não deixando de procurar a verdade na filosofia, encontrou-a, mas não em oposição à da teologia. Que ele foi um teólogo, ninguém duvida⁶, mas foi também filósofo, um dos mais brilhantes. Podemos dizer que foi os dois indistintamente, no mais pleno sentido da palavra⁷. Um verdadeiro *scholar*⁸. Nesta condição, professou a verdade da fé conciliada plenamente com a da filosofia, o que confirma a sua filosofia cristã⁹. Se em séculos anteriores nos foi dado a conhecer-lhe por sua teologia, surpreende-nos o último século, cuja quantidade de estudos sobre a sua filosofia superou à dos sobre a sua teologia¹⁰. Durante este período seu perfil teológico foi praticamente modelado desde um ponto de vista filosófico. Por quê?

Poder-se-ia conjecturar muitas respostas, mas me detenho em duas tentativas que parcialmente justificam um maior retorno à filosofia do que à teologia tomista. A primeira foi a publicação da Encíclica *Aeterni Patris*, do Papa Leão XIII sobre a filosofia tomista¹¹ onde se recomendava a restauração do tomismo nas escolas católicas¹². A segunda foi a realização do *Concílio*

⁵ SCHÖNBERGER, R. *Thomas von Aquin zur Einführung* Hamburg: Junius Verlag, 2006, pp. 10-14. A Teologia Natural encontra seu lugar na metafísica. Se a metafísica é um valioso instrumento para a Teologia, é admissível também uma estreita fronteira entre a metafísica e a mística; MARITAIN, J. *Distinguer pour unir ou les degrés du savoir*. Paris: Desclée de Brouwer, 1932, pp. 549-555.

⁶ CHENU, M.-D. *St. Thomas d'Aquin et la théologie*. Paris: Seuil, 2005, p. 32.

⁷ DAVIES, B. *The Thought of Thomas Aquinas*. Oxford: Clarendon Paperbacks, 1993, pp. 10-14.

⁸ GRABMANN, M. *Thomas Aquinas: His Personality and Thought*. New York: Longmans, 1928, p. 28.

⁹ GILSON, E. *L'Esprit de la Philosophie Médiévale*. Paris: Vrin, 1989, p. 5.

¹⁰ Isso se confirma se folharmos alguns repertórios bibliográficos: MANDONNET, P. *Bibliographie Thomiste 1880-1920*. Paris: Vrin, 1960, estudos teológicos, 62-78; BOURKE, V.J. *Thomistic Bibliography 1920-1940*. St. Louis, Missouri: The Modern Schoolman, 1945, 175-246; MIETHE, T.L. *Thomistic Bibliography 1940-1978*. Westport: Greenwood Press, 1980, 186-233; INGARDIA, R. *Thomas Aquinas. International Bibliography 1977-1990*. Ohio: The Philosophy Documentation Center, 1990.

¹¹ PAPA LEÃO XIII, *Aeterni Patris* IV, n° 29-32; Conclusão, n° 33-35.

¹² BOYLE, L.E. "A Remembrance of Pope Leo XIII: The Encyclical *Aeterni Patris*", em: *One Hundred Years of Thomism 'Aeterni Patris' and Afterwards. A Symposium*. Ed. By Victor B. Brezik, C.S.B. Houston: The Center For Thomistic Studies, 1981, pp. 7-22.

*Vaticano II*¹³ cuja proposta de ‘abrir’ a Igreja à modernidade foi mal interpretada por algumas correntes que se equivocaram ao supor que o concílio exortava abandonar o tomismo¹⁴. Com relação a isso o *Concílio* foi mal entendido, pois alguns documentos conciliares exortavam justamente para que nos estudos teológicos e na formação cristã se tomasse por *guia* São Tomás¹⁵. Por ignorância ou mesmo malícia destas correntes contrárias ao tomismo e mesmo de certas correntes tomistas favoráveis a uma profunda ‘renovação’ do tomismo, a ocasião tornou-se propícia para frear, parar ou mesmo abandonar a progressiva ascensão dos estudos teológicos tomistas¹⁶.

Foi, obviamente, inevitável o embate acadêmico entre as correntes não-tomistas e o pensamento tomista¹⁷, mas nem tanto ‘normal’ o que se deu entre

¹³ A seguinte obra apresenta um panorama geral da relação entre a cultura e a tradição tomista após o Concílio Vaticano II: SPIAZZI, R. *San Tommaso dopo il Concilio*. Roma: Città Nuova Editrice, 1966, pp. 247-288; RAMÍREZ, S. *Introducción a Tomás de Aquino*. Madrid: Bac, 1975, pp. 271-284; ROWLAND, T. *Culture and the Thomist Tradition: After Vatican II*. New York: Routledge, 2003, ver esp. Part I: “The Conciliar openness to modernity”, pp. 14-17 e Part II, pp. 65-69.

¹⁴ MCINERNEY, R.M. *Thomism in an Age of Renewal*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1968, p. 24. D. Berger destaca o contraste entre a reconhecida autoridade de São Tomás e o colapso do tomismo: BERGER, D. *Thomas Aquinas & the Liturgy*. Trasl. Christopher Gross. 2nd edition. Florida: Sapientia Press of Ave Maria University, 2005, p. 7. F. O’Meara afirma que foi um desastre o efeito do Concílio Vaticano II sobre a teologia tomista: O’MEARA, F. *Thomas Aquinas Theologian*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1997, p. 198.

¹⁵ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, decreto *Optatam totius*, n° 16: “para aclarar, quanto for possível, os mistérios da salvação de forma perfeita, aprendam a penetrá-los mais profundamente pela especulação, tendo por guia Santo Tomás, e a ver o nexo existente entre eles”; declaração *Gravissimum educationis*, n° 10: “procura de modo orgânico que cada disciplina seja de tal modo cultivada com princípios próprios, método próprio e liberdade da investigação científica, que se consiga uma inteligência cada vez mais profunda dela, e, consideradas cuidadosamente as questões e as investigações atuais, se veja mais profundamente como a fé e a razão conspiram para a verdade única, segundo as pisadas dos doutores da Igreja, mormente de São Tomás de Aquino”.

¹⁶ O Tomismo não é algo *crystalizado*, mas pensamento vivo. Ele possui um poder de assimilação do que há de verdade nas outras tendências. Mas isso não significa que sua renovação ou restauração não suponha a manutenção do que lhe é essencial, a saber, a própria vida: PIEPER, J. *Introducción a Tomás de Aquino. Doce lecciones*. Versión de Ramón Cercos. Madrid: Rialp, 2005, pp. 164-178; GARRIGOU-LAGRANGE, R. *La Synthèse Thomiste*. Paris: Desclée de Brouwer, 1950, esp. 559-578.

¹⁷ A seguinte obra apresenta uma síntese das principais doutrinas modernas, a partir de fragmentos dos textos dos principais autores, cujas doutrinas não se coadunam com os princípios do tomismo: KLOCKER, H.R. *Thomism and Modern Thought*. New York: Meredith Publishing Company, 1962; KERR, F. *After Aquinas. Versions of Thomism*. Oxford: Blackwell Publishing, 2002.

as escolas tomistas de orientações opostas¹⁸. A crise de identidade colocou em evidência a questão: *o que é ser tomista?*¹⁹ Estes desencontros foram determinantes para enfumarem os projetos de estudos tomistas, mas também para perfilarem o caminho de retomada. Dispersada esta cortina de fumaça dos primeiros anos pós-concílio, passo a passo, os estudos tomistas foram retomados, incluindo os de sua teologia²⁰. Um marco deste recomeço foi a fundação da *Società Intenazionale Tommaso d'Aquino* (S.I.T.A) em 27 de Maio de 1978²¹. Esta caminhada foi particularmente revigorada com a publicação da Encíclica *Fides et Ratio* do Papa João Paulo II, na qual o Sumo Pontífice invocava o pensamento e método de São Tomás como modelo de concílio entre fé e razão²². A quase uma década de sua publicação, já se vê os frutos da nova geração de tomistas que retomaram o modelo de pesquisa do Aquinate²³.

Em consonância com este retorno às publicações de estudos sobre a teologia tomista é oportuno saber qual é o *perfil teológico* do Aquinate. Não menos interessante é apresentar seu modelo teológico justamente a partir da análise do texto que o Aquinate preparou para a aula inaugural que lhe

¹⁸ Cito a seguir um livro que, embora parcial no seu julgamento, narra a oposição de duas escolas de seguimentos diversos. Uma 'renovadora' representada por Russelot e Maréchal e outra 'ortodoxa' representada por Gilson e Maritain: MCCOOL, G.A. *From Unity to Pluralism. The Internal Evolution of Thomism*. New York: Furdham University Press, 2002.

¹⁹ BONINO, S.-TH. "Être Thomiste", in: *Thomistes ou de l'actualité de Saint Thomas d'Aquin*. Paris: Parole et Silence, 2003, pp. 15-26; CESSARIO, R. *A Short History of Thomism*. Washington, D.C: The Catholic University of America Press, 2003, esp. pp. 11-28.

²⁰ Mesmo com esta retomada Pesch denunciava em 1988 a escassez de introduções à teologia tomista: PESCH, O.H. *Tomás de Aquino: limite y grandeza de una teología medieval*. Versión castellana de Xavier Moll y Claudio Gancho. Barcelona: Herder, 1992, p. 19.

²¹ MARTÍNEZ, E. "In dulcedine societatis quaerere veritatem": The international society of St. Thomas Aquinas", in: *Thomism Today*. Ed. By E. Alarcón. Anuario Filosófico XXXIX/2. Pamplona: Universidad de Navarra, pp. 329-349.

²² PAPA JOÃO PAULO II, *Fides et Ratio*, c. IV, n° 43: "Neste longo caminho, ocupa um lugar absolutamente especial Santo Tomás... ele teve o grande mérito de colocar em primeiro lugar a harmonia que existe entre a razão e a fé... a fé é de algum modo 'exercício do pensamento'... Precisamente por este motivo é que Santo Tomás foi sempre proposto pela Igreja como mestre de pensamento e modelo quanto ao reto modo de fazer teologia."

²³ Cito particularmente dois grandes tomistas E. Alarcón editor do *Corpus Thomisticum* [www.corpusthomisticum.org] e D. Berger editor do *Thomistenlexikon*. Ambos nos últimos anos trabalharam incansavelmente para a divulgação do Tomismo. Ver também: ALARCÓN, E. (ed.) *Thomism Today*. In: Anuario Filosófico XXXIX/2 2006. Pamplona: Universidad de Navarra, 2006; IDEM, *Thomistica*. Bonn: Verlag Nova et Vetera, 2007; BERGER, D. *Thomismus. Grosse Leimotive der thomistischen Synthese und ihre Aktualität für die Gegenwart*. Köln: Editiones Thomisticae, 2001; BERGER, D. und VIJGEN, J. *Thomistenlexikon*. Bonn: Verlag Nova et Vetera, 2006.

introduzia como *Magister in sacra pagina*, a saber, como Professor de Teologia²⁴ na Universidade: *Principium Rigans montes de superioribus suis*²⁵. Qual a importância deste texto? Ele nos revela além daquele *perfil teológico* um ensinamento fundamental acerca da *dignidade do ensino e da aprendizagem da teologia*. Foi em razão disso que os documentos da Igreja sucessivamente exortaram a seguir as *pegadas* do Aquinate nas especulações teológicas.

1. CONTEXTO HISTÓRICO DO *RIGANS MONTES*.

Sabemos que o leitor atento descobrirá a verve teológica do Aquinate inclusive em seus escritos filosóficos. Sua competência teológica manifesta-se de um modo especial nos primeiros anos acadêmicos quando dos comentários dos livros das *Sentenças*. De fato, este estudo é o seu cartão de visitas de teólogo. Seu perfil teológico torna-se sobressalente justamente a partir destes comentários, pois foi este comentário que o introduziu como bacharel em *Sacra pagina* e o apresentou à sociedade acadêmica como teólogo.

Após os quatro anos de Bacharelado Bíblico e Sentenciário, aos quais cumpriu com zelo e dedicação e manifestou sua excepcional competência teológica, era normal que lhe dessem imediatamente a *licentia docenti* e lhe outorgassem o grau de *Magister in sacra pagina*²⁶. No entanto, este período coincidiu com o auge da animosidade dos seculares contra os dominicanos do Convento de São Tiago²⁷, durante os anos acadêmicos de 1255-1256²⁸. O jovem Tomás de Aquino contava então 30 ou 31 anos²⁹. Mas a idade prevista

²⁴ TORRELL, J.-P. *Saint Thomas d'Aquin, Maître spirituel*. Initiation 2. 2e édition revue et augmentée d'une Postface. Paris: Cerf, 2002, esp. 1-5.

²⁵ O texto latino *Principium Rigans Montes* pode ser encontrado em: *Opuscula Theologica*. Vol. I. Taurini: Marietti, 1954, pp. 435-443. Também disponível em: www.corpusthomicum.org. Traduções: SILVEIRA, C.F.G.C. da, *Rigans montes de superioribus suis*. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2003 e no site: www.raptussancti.net. Estudo: LOBATO, A. "Santo Tomás, Magister in Sacra Teologia. El 'Principium' de su Magisterio", *Communio*, 21 (1988), pp. 49-70; FORMENT, E. *Id a Tomás. Principios fundamentales del pensamiento de Santo Tomás*. Pamplona: Fundación Grátis Date, 1998, pp. 10-13.

²⁶ RAMÍREZ, S. 'Introducción General: Síntesis biográfica de Santo Tomás', en: *Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino*. Tomo I. Madrid: BAC, 1957, p. 25.

²⁷ Trata-se da oposição dos seculares, encabeçada por Guilherme de Santo-Amor, que por medidas e atuações ilícitas contrapunha-se à concessão e à manutenção das cátedras para os professores estrangeiros que por tradição pertenciam aos religiosos. Toda esta oposição está ricamente exposta por Ramirez em sua referida introdução.

²⁸ WEISHEIPL, J.A. *Friar Thomas D'Aquino: His life, thought & works*. Washington, D.C.: The Catholic University of América Press, 1983, p. 93.

²⁹ TORRELL, J.-P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino. Sua pessoa e obra*. Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 60.

para a atribuição do grau era de 35 anos³⁰. O auge da controvérsia e a curta idade poderiam promover uma oposição. A ocasião da vacância da cátedra e a do perfil teológico exigido para o candidato desejado, o Reitor da Universidade Aimerico de Veire³¹ não duvidou em recomendar Tomás, junto ao superior dos dominicanos no Convento de São Tiago, para que ele se preparasse para assumi-la.

Ao que tudo indica, o jovem Aquinate relutou a princípio a conceder, com certeza por humildade, mas, também, muito provavelmente por cautela à possível oposição à sua candidatura, por ser um frei dominicano. Foi convencido pela obediência. Sem dúvida, muito contribuiu para isso a carta de recomendação do próprio Papa Alexandre IV que elogiava a indicação que o Reitor fizera para que o Aquinate ocupasse aquela cátedra³². Superadas estas dificuldades Tomás se pôs a pensar acerca do que preparar para a aula inaugural. Como de costume, recolheu-se em oração ante o altar do Santíssimo Sacramento, rogando ao Senhor que lhe infundisse ciência e graça para começar bem e cumprir adequadamente o ofício de Mestre. Recitou o *Salmo* 11: “Me salva Senhor, pois não há santos, pois a verdade desapareceu dentre os filhos do homem”³³. Feita esta recitação lhe apareceu um ancião, com hábito dominicano, que lhe instruiu tomar o texto do *Salmo* 103, 13: “De tuas altas moradas regas os montes, e a terra se sacia com o fruto de tuas obras”³⁴.

Frei Pedro de Capotto relata que em Paris dizia-se que aquele ancião era o próprio São Domingos³⁵. Tendo preparado o *Principium* – como era denominada tal aula inaugural – o proferiu solenemente muito provavelmente em duas sessões, uma *vesperie* e a outra *aula*, sendo a segunda a aula inaugural³⁶, numa data incerta da Primavera de 1256, entre 3 de março e 17 de junho³⁷, para todo o corpo de professores e, obviamente, dadas às circunstâncias, não

³⁰ DENIFLE, H. (ed.), *Chartularium Universitatis Parisiensis*. T. 1. Paris, 1891, p. 137.

³¹ WALZ, A. *Saint Thomas Aquinas. A biography study*. Westminster: The Newmnn Press, 1951, p. 70.

³² DENIFLE, H. (ed.), *Chartularium Universitatis Parisiensis*. Op. cit. n° 270, p. 307.

³³ A Bíblia de Jerusalém apresenta a seguinte tradução: *Sl*, 12 (11), 2 “Socorro Iahweh! Não há mais homem fiel! A lealdade desapareceu dentre os filhos de Adão!”.

³⁴ GUILHERME DE TOCCO, “Vita S. Thomae Aquinatis”, c. 16. em: *Fontes vitae sancti Thomae Aquinatis*. Ed. D. Prümmer e H. Laurent. Toulouse: Saint-Maximin, 1924-1937, p. 85.

³⁵ PEDRO DE CAPOTTO, “Processo napolitano de canonização n° 92”, em: *Fontes vitae sancti Thomae Aquinatis*. Ed. D. Prümmer e H. Laurent. Toulouse: Saint-Maximin, 1924-1937, pp. 398-399.

³⁶ TORRELL, J.-P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino. Sua pessoa e obra*. Op. cit. pp. 61-62.

³⁷ DENIFLE, H. (ed.), *Chartularium Universitatis Parisiensis*. Op. cit. n° 270, p. 307 e n° 280, p. 319ss.

isento às oposições³⁸. Mas tudo indica que todos se admiraram ante a sabedoria do novo mestre³⁹.

2. ESTUDAR E ENSINAR EM SÃO TOMÁS.

§. 1. Vocação ontológica à sabedoria.

Segundo Aristóteles, ‘todos os homens, por natureza, tendem ao saber’⁴⁰. Ensina-nos *TA*, em seu comentário dos livros da *Metafísica* de Aristóteles, que ‘a operação própria do homem, enquanto homem, é o inteligir [conhecer]’, pois, ‘naturalmente o desejo do homem se inclina à intelecção [conhecimento] e, por consequência, à ciência’⁴¹. O conhecimento é aquela operação ou ação que mais intimamente revela-nos o que o homem é e o que lhe é mais natural. Esta atividade intelectual nata patenteia na natureza o que é próprio da substância racional. O seu ser é apresentado pelo seu operar, não encerrando no operar tudo o que ele é pelo seu ser, já que a ação é apenas um modo de realização do ser. Por isso, muito oportunamente nos ensinara *TA* que “*omne agens agit secundum quod est actu*” [todo agente opera segundo o que é em ato]⁴².

O ser do homem é apresentado por uma natureza composta de corpo e alma espiritual. A alma espiritual – conhecida metafisicamente por forma substancial intelectual – é o que determina e dá o ser da natureza, da qual ela mesma forma parte. Portanto, se quisermos considerar o mais íntimo da natureza humana, sua tendência e seu desejo, busquêmo-lo na alma espiritual, porque aí está a fonte do seu ser. Isso justifica a sentença de que a “*forma dat esse*” [a forma dá o ser]⁴³. A alma humana espiritual é, também, denominada alma intelectual, em razão de sua função mais nobre, que é a *intelectualidade*. A alma intelectual é ato, mas não é ato puro, ou seja, ato sem potência. Ela é ato perfectível. Por isso, dela decorrem algumas potências. Uma delas e, por sua vez, a mais importante, é a potência intelectual⁴⁴, a que se denomina intelecto

³⁸ DENIFLE, H. (ed.), *Chartularium Universitatis Parisiensis*. Op. cit. p. 321.

³⁹ SPIAZZI, R. *Santo Tomás de Aquino. Biografía documentada de un hombre bueno, inteligente, verdaderamente grande*. Madrid: Edibesa, 1994, pp. 85-87.

⁴⁰ ARISTÓTELES, *Metafísica*, I, 1, 980^a.

⁴¹ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *In I Metaph.*, lect. 3. A resposta a João poder-se-ia resumir na famosa sentença aristotélica que Tomás, repetidas vezes, mencionaria em algumas de suas obras: *sapientis est ordinare* [*STh* I, q. 1, a. 6; *De pot.* q. 3, a. 16, sc. 5; *In I Eth.*, lect. 1, n. 1].

⁴² SANTO TOMÁS DE AQUINO, *C.G.* II, c. 53.

⁴³ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *In V Metaph.*, lect. 2.

⁴⁴ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I q.79, 2.

[*intellectus*]⁴⁵. Por intelecto – que é como um ler interiormente⁴⁶ – entendemos a potência pela qual a alma intelectual busca realizar e atuar, por operações, o seu ser. Neste sentido, a finalidade de qualquer potência da alma é chegar ao seu bom término, a saber, à atualização dela mesma, por um ato, que é a sua operação. O intelecto é aquela potência da alma e o inteligir [entender] é o seu ato, ou seja, a sua operação. Podemos resumir dizendo que o conhecimento [intelecção] é o ato da potência de entender [intelecto].

§. 2. Vocação ontológica ao ensino e à santidade.

Assim, pois, o homem é ontologicamente apto, pela disposição natural do seu ser, para realizar-se pelo saber; portanto, quanto mais nobre e digno for aquilo ao qual tende o seu ser por seus apetites, tanto mais nobre e digna tornar-se-á a sua operação e, por conseguinte, a sabedoria almejada como fruto da mesma. Maior o sabor e a sabedoria se o homem tende e direciona todas as forças de seu apetite para conhecer a Deus. É o que nos ensina Tomás de Kempis em sua célebre obra *Imitação de Cristo*.

“Como Deus é delicioso em tudo e, sobretudo a quem o ama...Ó palavra suave e deliciosa! Mas, só para quem ama a Deus...sem vós, coisa alguma agrada-nos por muito tempo, mas para ser agradável e saborosa, é necessário que lhe assista a vossa graça e a tempere o condimento da vossa sabedoria. A quem saboreia vossa doçura, que coisa não lhe saberá bem? Mas a quem em vós não se

⁴⁵ O intelecto [*intellectus*] é a potência da alma, mas ele mesmo não é pura potência, senão potência de algum ato e possuidora de alguma atualidade. Portanto, o intelecto, também, constitui um ato com relação àquilo que dele emerge como potência. Isso que dele se eduz ou emerge como potência é a razão [*ratio*]. Neste sentido, não significam a mesma coisa *intellectus* e *ratio*. Estabelecendo esta distinção, assim se exprime *TA* em *Sent.* II. D. 3, q.1, a.6: “Com efeito, a alma, por ser o que tem o extremo [da perfeição] dos seres intelectuais [anjos], participa de um modo mais deficiente da natureza intelectual do que o anjo, quase que de um modo obscurecido e, por este motivo, denomina-se racional, tal como ensinou Isaac, no livro acerca *Das definições*, ao dizer que razão origina-se da sombra da inteligência”. Sobre isso recomendamos: PEGHAIRE, C.S. Sp. *Intellectus et Ratio selon S. Thomas D’Aquin*. Paris: Vrin, 1936, pp. 79-80; CRUZ CRUZ, J. *Intelecto y Razón. Las coordenadas del pensamiento clásico*. Colección de Pensamiento Medieval y Renacentista. Pamplona: Eunsa, 1999.

⁴⁶ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* I-II, q.108, 1, ad3; II-II, q.8, 1, c; II-II, q. 49, 5, ad3: “*Intellectus dicitur, quasi intus legens; intellectus enim nomen sumitur ab intima penetratione veritatis*”. Veja: MONDIN, B. *Dizionario Enciclopedico del pensiero di San Tommaso d’Aquino*. Bologna: Edizioni Studio Domenicano, 2000, p. 368.

deleita, que coisa lhe poderá ser gostosa?...Esses [os sábios que se deleitam de Deus] acham gosto nas coisas de Deus”⁴⁷.

Deste modo, se quiséssemos estabelecer o que o homem deseja íntima e naturalmente pelo seu ser, responderíamos: o *saber*; o *conhecer*. Este chamamento à sabedoria, que nasce do mais íntimo e natural do ser do homem, denomina *vocação ontológica ao saber*. O vocábulo *studium* derivado do verbo *studere*, que significa ‘ter gosto’, ‘zelo’, ‘ser desejoso’ e ‘aplicado’, designa ‘o assíduo e veemente ânimo aplicado com ocupação da vontade à realização de algo grande’⁴⁸. Pois bem, *saber*; do latim *sapere*, refere-se, também, àquilo que *tem sabor, gosto*⁴⁹. Portanto, metafórica e etimologicamente falando, *o paladar do ser realiza-se no saborear do conhecer*.

O que o homem alcança e desfruta mediante esta virtude natural – que o impulsiona a querer conhecer – além de possuir gosto e sabor muito especiais, nutre efetivamente a faculdade humana de onde emana este desejo. O homem mediante o seu ser, deseja, naturalmente, *saborear* – saber – o mundo, a si mesmo e a Deus, a quem maximamente se ordena e a quem tende as suas faculdades. Em razão desta vocação ontológica à santidade o homem também é chamado a ensinar as verdades contempladas, enquanto mestre e apto a ensinar⁵⁰, por um ato de vida ativa, porém não dissociado do ato da vida contemplativa⁵¹.

§. 3. Virtudes necessárias: *estudiosidade, oração e humildade*

Do mesmo modo que o homem, por sua natureza corpórea, deseja os sabores dos alimentos e os deleites sensíveis, assim, também, deseja, mais intensamente, segundo sua natureza espiritual, saborear os sabores dos alimentos e dos deleites espirituais, portanto, *saborear* [conhecer] algum bem espiritual⁵². Este bem espiritual é o *conhecimento*. E este pode ser alcançado diretamente pela iluminação divina ou pelo esforço do estudo humano,

⁴⁷ TOMÁS DE KEMPIS, *Imitação de Cristo*. Tradução de Frei Tomás Borgmeier, O.F.M. Petrópolis: Vozes, 2002, Liv. III, c. 34, pp. 215-216.

⁴⁸ ERNOUT, A. et MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine. Histoire des Mots*. Quatrième Édition. Paris: Éditions Klincksieck, 1994, verbete *studeo*, -es, p. 658.

⁴⁹ SANTOS SARAIVA, F.R. *Novíssimo Dicionário Latino-Português Etimológico, Prosódico, Histórico e Mitológico*. 11ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000, p. 1062. Vejam, também, a introdução de L.J. Laund em: TOMÁS DE AQUINO, S. *Sobre o modo de estudar*. Tradução de J. L. Lauand em: *Cadernos de História e Filosofia da Educação*. EDF-FEUSP, vol. II, n. 3, 1994.

⁵⁰ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *De veritate*, q. 11, a.1, c.

⁵¹ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *De veritate*, q. 11, a.4, c.

⁵² SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* II-II q.166, 2. c.

embora nunca de um modo absolutamente independente de qualquer auxílio divino. O estudo leva consigo, pois, uma intensa aplicação da mente na consideração de algo, principalmente, para chegar a conhecê-lo⁵³.

Esta intensa aplicação longe de ser uma vil submissão – tal como alguns dicionários a definem – é a *docilidade*, ou seja, a mais plena realização da própria faculdade que a possui. Docilidade diz respeito a *docere*, portanto, à aptidão ao conhecer. Não obstante, por causa da queda do homem, instaurou-se a desordem dos desejos, e como todo desejo, mesmo o intelectual, necessita de elementos naturais e sobrenaturais que o re-direcionem e re-ordenem àquilo que por natureza é chamado (conhecer a verdade), exigem-se virtudes reparadoras, sejam elas naturais (morais) ou sobrenaturais (teológicas).

Dentro do contexto das virtudes naturais morais, a moderação deste *desejo* de saber é lograda pela virtude da *estudiosidade*, anexa à temperança, que se opõe ao vício da *curiosidade*, e que modera e ordena o ímpeto ou a desordem de qualquer natureza que possa haver neste desejo. A estudiosidade é, pois, a virtude, cuja matéria é o conhecimento⁵⁴, no que diz respeito ao modo como desejá-lo, ordená-lo e adquiri-lo. O caminho de pedras que leva à sabedoria é difícil e árduo. A ignorância é o caminho a ser percorrido e a sabedoria, enquanto anelada à verdade, é o fim e o bem desejado. Bem disse Sócrates que ‘existe apenas um bem, o saber; e, apenas, um mal: a ignorância’⁵⁵. Sábias, também, são as palavras do ditado ‘estudar é suar’.

Por isso, nos advertiu Tomás que, para adquirir o tesouro da ciência, era necessário antes ‘eleger começar a partir das coisas mais fáceis, e não das mais difíceis’⁵⁶, não eximindo ao amante da sabedoria, de suas efetivas dificuldades. A ignorância é, talvez, a maior delas. À ignorância se opõe o desejo natural de saber. A ignorância vencível é aquela que alguém possui por não chegar a conhecer aquilo que deveria conhecer, mas não conhece por forças e princípios alheios à sua própria vontade e tendência. Há, também, a ignorância invencível, dita deste modo não por ser absolutamente invencível, mas devido às dificuldades e esforços exigidos para a sua superação.

Neste último caso, se desconhece, não só por algum impedimento que lhe possam causar as forças e princípios alheios à sua própria vontade e tendência, senão, também, por algum impedimento que lhe possa danar a própria faculdade, devido à sua desordem, e o ‘esquecimento’ e ‘obscurecimento’ dos fins próprios a que deveria naturalmente ordenar-se. É

⁵³ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* II-II q.166, 1. c.

⁵⁴ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *STh* II-II q.166, 1. c.

⁵⁵ BARELLI, E., e PENNACCHIETTI, S. *Dicionário das Citações*. Tradução Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2001, n. 701.

⁵⁶ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *De modo stud.*, n.2., proêmio.

aquela que, devido à intensa desordem da tendência natural, tornou-se cauterizada ou 'esquecida' daquilo a que se deve, naturalmente, tender. Neste caso, associada à virtude natural moral, faz-se necessária uma virtude sobrenatural teologal, que é a *oração*⁵⁷, enquanto fruto das três fundamentais: *fé, esperança e caridade*.

Por isso, recorda-nos o Aquinate que a intenção e a consciência retas e puras são essenciais para este propósito. E que a oração deve coroar a consciência, e a amabilidade, revestir a intenção. O silêncio deve ter presença constante e a curiosidade, ausência. Assim se evita a perda de tempo em assuntos e discussões sobre qualquer assunto, mas não sobre aquele que pode elevar à adegas do saber. Cristo deve ser o modelo e os santos, os exemplos. A escuta para discernir o que de bom se diga, sem ater-se a quem o diga. A meditação e a reflexão são os critérios. A memória, o refúgio e o conforto na retificação.

A humildade o seu limite, e Deus o seu término. Diz o Angélico que se seguirmos estes conselhos, poderemos gerar frondosas folhas e frutos na vinha dos exércitos do Senhor⁵⁸. Concluindo, podemos dizer que se somos chamados a saber e a transmitir o que ora alcançamos compartilhando com os outros, aquele que ensina, ao ensinar o que o outro desconhece, imprime, de certa maneira, no outro, algo do seu ser, trazendo ao aprendiz um pouco do sábio.

3. ESTUDOS: O *RIGANS MONTES* E OS CONSELHOS DO *DE MODO STUDENDI*.

Tomás preparou-se muito bem para apresentar nesta preleção todo seu arsenal teológico. De fato, este breve escrito revela-nos profundamente o perfil do que seria o seu ensino da teologia bem como o de sua marcante personalidade: *ser testemunho da verdade*⁵⁹. Note-se que a brevidade do texto [8 páginas] não o impossibilita de fazer vasto uso de citações dos Padres da Igreja e, especialmente, das Sagradas Escrituras [42 vezes]. O texto está dividido em *prólogo* e 4 *capítulos*. O prólogo apresenta o tema. O primeiro capítulo trata da *elevação espiritual*. O segundo capítulo sobre a *dignidade dos doutores*. O terceiro capítulo acerca da *condição dos ouvintes* e o quarto capítulo do modo como *comunicar* tal ciência.

O ensino da verdade é ofício sagrado, pois quem a ensina participa da sabedoria divina. Sua sabedoria, Deus a comunicou com bondade aos

⁵⁷ HÄRING, B. "Oração", in: *Dicionário de Espiritualidade*. Dirigido por Stefano de Fiores e Tullo Goffi. 2ª edição. São Paulo: Paulus, 1993, pp.841-848.

⁵⁸ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *De modo stud.*, fim.

⁵⁹ PHILIPPE, M.-D. *Saint Thomas docteur Témoin de Jésus*. Paris: Saint-Paul, 1992, pp. 20-26.

homens. Este é ato de caridade e é caridade para os homens que a ensinam, porque é doação de si e da verdade da qual participa. E porque só Deus é o autor da verdade, o sábio em sua função, participa da intimidade da vida de Deus e deseja fazê-la conhecida por sua transmissão. Deus quer ser íntimo de todos.

O sábio conhece esta prerrogativa e dispõe-se dócil e convenientemente na virtude e na santidade para adquiri-la e transmiti-la. Em seu exercício magistral, o ensino, o homem participa da eternidade, pois a verdade que transmite não é a que muda com o tempo, mas a que permanece, porque ela é eterna, revelada por Deus ao coração humano desde a eternidade. Por isso, excelso é o ensino da ciência sagrada aos que a buscam. No *prólogo* de seu *Principium* o Aquinate cita de Dionísio sua *Ecdesiasticae Hierarchiae* e de Santo Agostinho o seu *De Trinitate*. Notadamente faz referência à doutrina da iluminação divina, herança do neoplatonismo dionisiano e agostiniano⁶⁰, mas associada à analogia – sob a forma de metáfora⁶¹ –, marca registrada de seu método teológico. Eis o texto:

“O Rei dos céus e Senhor instituiu desde a eternidade esta lei segundo a qual os dons de sua providência chegam às realidades inferiores pelas intermediárias. Por isso Dionísio diz no quinto capítulo de *Ecdesiasticae hierarchiae* “a lei da divindade é santíssima, pois, por meio das realidades superiores, as inferiores são levadas à sua luz diviníssima”⁶². Esta lei, pois, não se encontra só nos seres espirituais, mas também nas corporais. Por isso diz Agostinho em *De*

⁶⁰ FABRO, C. *Introduzione a san Tommaso. La metafisica tomista & il pensiero moderno*. Milano: Edizioni Ares, 1997, esp. 56-62.

⁶¹ Em Tomás a *metáfora* é uma analogia de proporcionalidade. A analogia é a comparação por proporção [SThI,13,a5,c]. Diz-se que um termo se predica analogicamente se o nome segundo um significado aceito é posto na definição do mesmo nome com outro significado [SThI,13,a10,c]. Por isso, análogo se diz de algo que comumente se aplica a muitos [In I Sent.22,1,3,ad2]. A analogia pode ser *de proporcionalidade* ou de *atribuição*. A analogia de proporcionalidade dá-se quando um termo é predicado proporcionalmente de vários sujeitos à proporção que lhes convém. A analogia de proporcionalidade é própria ou imprópria. É própria quando, por exemplo, um termo designa uma perfeição encontrada em diversos sujeitos, mas segundo sua proporção própria como ‘vida’ dita da flor, do homem e de Deus. É imprópria ou metafórica quando, por exemplo, um termo usado é o mesmo para diversos sujeitos, mas designa impropriamente a perfeição de cada um dos diversos os sujeitos como ‘cão’ dito do animal, da constelação e do homem. Ver: MONDIN, B. *Dizionario enciclopedico del pensiero di San Tommaso d’Aquino*. Bologna: Edizioni Studio Domenicano, 2000, *verb.* ‘analogia’, 36-42.

⁶² DIONÍSIO AREOPAGITA, *De Ecdesiastica hierarchiae*, c. 5, 4 [SC 58 bis, 1001].

Trinitate III: “assim como as realidades mais rudes e ínfimas são regidas por alguma ordem das mais sutis e poderosas, assim também todos os corpos são regidos pelo espírito da vida racional”⁶³. E, por isso, o Senhor propôs no *Salmo* a supracitada lei na comunicação da sabedoria espiritual, considerada sob uma metáfora relacionada com as coisas corporais: *regas os montes*, etc⁶⁴”.

Assim como os montes são regados pelas águas que caem do céu, as mentes dos sábios são pela sabedoria divina. Feita esta comparação dá continuidade e apresenta, então, os temas de que irá tratar:

“Vemos, pois, com os sentidos, as águas caírem das nuvens mais altas e os montes, regados por elas, produzirem rios e a terra ser fecundada, saciada por elas. De modo semelhante, da excelsa sabedoria divina são regadas as mentes dos doutores, representados pelos montes, por cujo ministério leva-se a luz da sabedoria divina à mente dos seus ouvintes. Assim, pois, podemos considerar no texto proposto, quatro coisas, a saber: *a elevação da doutrina espiritual, a dignidade de seus doutores, a condição dos seus ouvintes e a ordem de sua comunicação*”.

No *primeiro capítulo* trata da elevação, altura ou superioridade da doutrina espiritual e destaca três motivos de sua nobreza: sua *origem* excelsa, porque vem do alto, sua *sutileza* cujo alcance somente se dá com o auxílio do Espírito Santo e pelo *fim sublime*, a saber, a vida eterna. Eis o texto:

“Esta altura é indicada por isto que se diz: *de suas alturas*. E na Glosa: “Dos mais altos arcanos”⁶⁵. A doutrina sagrada tem esta elevação por três motivos. Primeiro, por sua origem, porque ela é esta sabedoria que vem do alto, como adverte Tiago⁶⁶ e no *Eclesiástico*: “A fonte da sabedoria é a palavra de Deus nos céus”⁶⁷. Segundo, por causa da sutileza do tema,

⁶³ SANTO AGOSTINHO, *De Trinitate*, III, 4 [CCL 50, 135-136]

⁶⁴ *Sl* 104 (103), 13: “De tuas altas moradas regas os montes” [*Bíblia de Jerusalém*. Nova edição revista e aumentada. São Paulo: Paulus, 2002]

⁶⁵ PEDRO LOMBARDO, *Glossa in Psalmos*. [PL 191, 934].

⁶⁶ *Tg* 1, 17.

⁶⁷ *Ecd* 1, 5.

conforme se lê em *Edisiática*: “Eu habitei nas alturas”⁶⁸. Há, pois, algumas verdades elevadas da divina Sabedoria que todos alcançam, ainda que imperfeitamente, porque como diz Damasceno: “o conhecimento da existência de Deus é naturalmente infuso em todos”⁶⁹ e, com relação a isso, diz Jó: “Todos os homens o vêem, mas cada um o vê de longe”⁷⁰. Outras verdades são mais excelsas e somente alcançadas pela inteligência dos sábios, guiados somente pela razão, acerca dos quais se diz em *Rm* 1: “o que se pode conhecer de Deus é manifesto entre eles”⁷¹. Outras verdades são altíssimas e transcendem toda a razão humana e, com respeito a isso diz *Já*: “a sabedoria está oculta aos olhos de todos os viventes”⁷² e no *Salmo*: “vestiu-se de trevas como um véu”⁷³. Mas estes santos doutores, instruídos pelo Espírito Santo, que “também sonda a profundidade de Deus”⁷⁴, foram conduzidos no texto da Sagrada Escritura; e estas verdades são elevadíssimas, nas quais se diz habitar esta sabedoria. Terceiro, pelo fim sublime: pois ela tem o fim altíssimo, a saber, a vida eterna, como se lê em *Jo* 20: “Esses, porém, foram escritos para credes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome”⁷⁵. E afirma *Cl* 3: ‘procurais as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Pensais nas coisas do alto, e não nas da terra’⁷⁶.

O *segundo capítulo* considera a dignidade dos que hão de proferir este conhecimento. Exige-se a dignidade dos doutores por causa da *elevação* deste saber que os convida a serem vizinhos das coisas do céu em desprezo às da terra. Exigi-se a dignidade por causa do *esplendor* da mesma, cuja luminosidade afasta as trevas da mente tornando-a apta a afastar os erros. E exigi-se a

⁶⁸ *Ecd* 24, 7. [Na *Bíblia de Jerusalém*, op. cit. 2002: “Armei a minha tenda nas alturas”]

⁶⁹ SÃO JOÃO DAMASCENO, *De fide orthodoxa*, I, 1 e 3 [PG 94, 789 e 793].

⁷⁰ *Já*, 36, 25. [*Op. cit.*, 2002: “Todos os homens as contemplam, admiram-nas de longe os mortais”].

⁷¹ *Rm* 1, 19.

⁷² *Jó*, 28, 21.

⁷³ *Sl* 18 (17), 12.

⁷⁴ *1 Cor*, 2, 10.

⁷⁵ *Jo* 20, 31.

⁷⁶ *Cl* 3, 1-2.

dignidade por causa da necessidade da *defesa* deste tesouro contra o ataque dos inimigos, ou seja, contra o ataque dos que corrompem a fé. Eis o texto:

“Com efeito, por razão da superioridade desta doutrina a dignidade é requerida em seus doutores; por isso, são representados pelos montes, quando se diz: *regas os montes*, e isso por três razões, a saber: primeiro, por causa da altitude dos montes, pois são elevados acima da terra e vizinhos ao céu. Assim, os santos doutores, desprezando as coisas da terra aspiram somente às celestes, como em *Filipenses* III: “porém nossa morada está no céu”⁷⁷, onde se diz acerca do próprio doutor dos doutores, a saber, Cristo, em *Isaías* 2: “Ele será estabelecido no mais alto das montanhas e todos os povos irão a Ele”⁷⁸. Segundo, por causa do esplendor. Os montes são, pois, os primeiros a serem iluminados pelos raios. E, de modo semelhante, os santos doutores são os primeiros a receberem o esplendor da inteligência. Assim, pois, como os montes, os doutores são os primeiros a serem iluminados pelo raio de luz da divina sabedoria, como se lê no *Salmo* “Tu iluminas maravilhosamente desde os montes eternos e todos os insensatos de coração são precipitados na confusão”⁷⁹; e isto é o que ocorre com os doutores que são partícipes da eternidade, como se nota em *Filipenses*, 2: “entre os quais brilhais como lamparinas no mundo”⁸⁰. Terceiro, por causa da defesa dos montes, porque pelos montes se defende a terra do ataque dos inimigos. Assim também na defesa da fé os doutores da Igreja devem ser contra os erros. Os filhos de Israel não confiavam nem em lanças e flechas, mas nos montes que os defendiam. E por isso foram advertidos, como se lê em *Ezequiel*, 13: “não vos elevastes contra o adversário nem vos opusestes como muralha para a casa de Israel, para suportar na batalha no dia do Senhor”⁸¹.

⁷⁷ *Fl* 3, 20.

⁷⁸ *Is* 2, 2.

⁷⁹ *Sl* 76 (75), 4.

⁸⁰ *Fl* 2, 15.

⁸¹ *Ez* 13, 5.

A dignidade dos doutores deve ser proporcional às cimas dos montes, vizinha às coisas do céu. Dignidade que se perfila na *oração, estudo e retidão moral*. Eis o texto:

“Portanto, todos os doutores da Sagrada Escritura devem elevar-se pela eminência de suas vidas, para que sejam idôneos para pregar de modo eficaz; porque, como diz Gregório na *Pastoral*: “aquele cuja vida se desprezada, desprezará necessariamente sua pregação”⁸². Diz-se em *Eclesiastes* 12: “As palavras dos sábios são como cravos profundamente cravados”⁸³. Não se pode, pois, o coração ser formado e estimulado no temor de Deus, a não ser pela admiração de uma vida sublime. Devem ser iluminados para que aprendam e ensinem idoneamente, como se adverte em *Efésios*, 3: “a mim, porém, o menor de todos os santos, foi dada esta graça de anunciar entre os gentios as riquezas incompreensíveis de Cristo e de manifestar a todos a comunicação do mistério escondido, desde os princípios dos séculos em Deus”⁸⁴. Devem estar preparados, para que, disputando, refutem os erros, como adverte *Lucas* 21: “eu vos darei eloquência e sabedoria, às quais nenhum de vossos adversários poderá resistir, nem contradizer”⁸⁵. E acerca destes três ofícios, a saber, *pregar, ensinar e disputar*, diz-se em *Tito* 1: “para que seja capaz de exortar”, quanto à pregação, “ensinar a sã doutrina”, com relação ao ensino e “refutar os que a contradizem”, com respeito à disputa⁸⁶”.

O *terceiro capítulo* trata da condição dos ouvintes. Comparados à terra, são evocados a serem *humildes*, mas *fecundos*, como a terra fértil, mas *firmes* na retidão, como a terra firme. Eis o texto:

“Terceiro, a condição dos ouvintes, que é figurada sob a semelhança da terra, onde diz: *a terra será saciada*. E isto porque a terra está abaixo, como se lê em *Provérbios* 25: “O céu no alto

⁸² SÃO GREGÓRIO MAGNO, *Pastoral*, I, 12 [PL 76, 1119]

⁸³ *Ed* 12, 11.

⁸⁴ *Ef* 3, 8-9.

⁸⁵ *Lc* 21, 15.

⁸⁶ *Tt* 1, 9.

e a terra no baixo”⁸⁷. Ela é estável e firme, como se lê em *Edesíastes*, 1: “porém a terra permanece sempre estável”⁸⁸. Ela é fecunda, como se lê em *Gênesis*, 1: “germine a terra ervas que produzam sementes e árvores que produzam frutos segundo sua espécie”⁸⁹. Do mesmo modo, os ouvintes devem assemelhar-se a terra, ser inferiores pela humildade, como em *Provérbios*, 11: “onde há humildade, aí há sabedoria”⁹⁰. Igualmente, devem ser firmes pela retidão do julgamento, como em *Efésios*, 4: “assim não seremos mais crianças, joguete das ondas, agitados por todo vento de doutrina”⁹¹. Também fecundos, para que frutifiquem neles as palavras de sabedoria recebidas, como em *Lucas*, 8: “O que está em terra boa são os que, tendo ouvido a Palavra como o coração nobre e generoso, conservam-na e produzem fruto pela perseverança”⁹². A humildade é, portanto, neles requerida quanto à aprendizagem que é pelo que se ouve, como em *Edesíastico* 6: “Se gostares de ouvir, aprenderás; se deres ouvido, será sábio”⁹³. Mas se requer também a retidão do julgamento, quanto ao juízo das coisas ouvidas, como se lê em *Jó* 12: “Não distingue o ouvido as palavras?”⁹⁴. Mas também é requerida a fecundidade para a descoberta, pela qual o bom ouvinte anuncia muitas coisas das poucas que ouviu, como em *Provérbios* 9: “dá ao sábio, e ele se tornará mais sábio”⁹⁵.

Por fim, o *quarto capítulo* trata da ordem da comunicação desta sabedoria, especificamente, o modo, a quantidade e a qualidade desta informação. A *ordem* a centelha da sabedoria divina transborda a capacidade de compreensão da mente dos doutores, cuja instrução, por sua vez, transcende à capacidade dos ouvintes. A virtude do mestre é ensinar na proporção da necessidade dos discípulos, nem mais e nem menos. A *quantidade* os doutores participam em abundância da ciência divina, da qual somente de modo suficiente é participada pelos ouvintes. A *qualidade* os doutores devem ser dóceis à

⁸⁷ *Pr* 25, 3.

⁸⁸ *Ed* 1, 4.

⁸⁹ *Gn* 1, 11.

⁹⁰ *Pr* 11, 2.

⁹¹ *Ef* 4, 14.

⁹² *Lc* 8, 15.

⁹³ *Ecd* 6, 33.

⁹⁴ *Jó* 12, 11.

⁹⁵ *Pr* 9, 9.

sabedoria divina para que sejam instruídos pelo Espírito e até pedi-la caso dela estejam privados dela, para que assim, possam transmiti-la com qualidade aos que se acercam para ouvi-la. Eis o texto:

“A ordem, porém, da geração que se indica aqui com relação as três, a saber, quanto à ordem da comunicação, quanto à quantidade e quanto à qualidade dos dons recebidos. Primeiro, quando à ordem da comunicação: porque a mente dos doutores não pode compreender tudo o que está contido na divina sabedoria. Por isso não diz: *influências desde os montes os superiores*, mas: *regas desde os superiores*, *Jó 26*: “eis que estas são apenas partes”⁹⁶. Também, do mesmo modo, nem tudo o que os doutores compreendem, instruem seus aos ouvintes, como em *2 Coríntios 12*: “ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir”⁹⁷. Daí não haver dito: *levando os frutos das terras dos montes*, mas: *a terra saciará de frutos*. E isso é o que diz Gregório em *Moralia 17*⁹⁸, “o doutor não deve pregar aos rudes tudo quanto conhece, pois ele mesmo não é capaz de conhecer tudo quanto se refere aos mistérios divinos” ao expor o que diz *Jó 26*: “Ele prende as águas nas nuvens, sem que estas se rasguem com seu peso”. Segundo, refere-se à ordem quando ao modo de possuir: pois Deus tem a sabedoria por natureza. Por isso, dizem ser-lhe naturais as coisas superiores, como em *Jó 12*: “Em Deus residem a ciência e a fortaleza; Ele possui o conselho e a inteligência”⁹⁹. Ora, os doutores participam em abundância desta ciência. Por isso, dizem ser regados pelas superiores, como se lê em *Eclesiástico, 24*: “Irigarei o meu jardim, e regarei os meus canteiros”¹⁰⁰. Ora, os ouvintes participam dela de modo suficiente e é isto que significa a saciedade da terra, como se lê no *Salmo 17 (16)*: “eu me saciarei com a tua imagem”¹⁰¹. Terceiro, quanto à capacidade de comunicar: pois Deus comunica a sabedoria por sua própria virtude. Por isso diz-se que por si mesmo rega os montes. Ora, os doutores não comunicam a sabedoria a não ser pelo

⁹⁶ *Jó 26, 14.*

⁹⁷ *2 Cor 12, 4.*

⁹⁸ SÃO GREGÓRIO MAGNO, *Moralia*, XVII, 26 [CCL 143 A, 873]

⁹⁹ *Jó 12, 13.*

¹⁰⁰ *Edo 24, 42.*

¹⁰¹ *SI 17 (16), 15.*

ministério. Daí que os frutos dos montes não lhes são atribuídos, mas às obras divinas. O *Salmo* diz com o fruto de tuas obras. E em 1 *Cor* 3: “Quem é Paulo?” e mais adiante: “ministros seus em quem acreditastes”¹⁰². Mas diz em 2 *Cor* 2: “quem é tão idôneo para isto?”¹⁰³. Deus, com efeito, exige ministros inocentes, como se lê no *Salmo* 101 (100): “caminha num caminho imaculado, este será meu ministro”¹⁰⁴, inteligentes, como se lê em *Provérbios* 14: “um ministro inteligente é aceito pelo rei”¹⁰⁵ e fervorosos, como se lê no *Salmo* 104 (103): “quem faz dos teus anjos espíritos, e de teus ministros um fogo abrasador”¹⁰⁶ e, ainda, obedientes, como se lê no *Salmo* 103 (102): “seus ministros que fazem a sua vontade”¹⁰⁷. Mas ainda que alguém não seja suficiente, por si mesmo, por sua própria capacidade, para um tal ministério, pode todavia esperar tal suficiência de Deus, como se lê em 2 *Cor* 2: “Não como se fôssemos dotados de capacidade que pudéssemos atribuir a nós mesmos, mas é de Deus que vem a nossa capacidade”¹⁰⁸. Deve, porém, pedi-la a Deus, como se lê em *Tiago*, 1: “Se alguém dentre vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a concede generosamente a todos, sem recriminações e ela ser-lhe-á dada”¹⁰⁹. Oremos. Para que Cristo conceda-nos a sabedoria. Amem”.

Conclusão: A teologia é ciência digníssima dada sua elevação e exige proporcional dignidade naqueles que a ensinam e dos que dela aprendem. Dignidade que se modela no teólogo a partir do estudo assíduo da palavra sagrada, da consideração dos conselhos e opiniões dos autores da tradição da Igreja, na conduta de uma vida moral ilibada e, sobretudo, a partir da devoção pessoal, na assiduidade da oração, da contemplação das verdades divinas e da eucaristia.

¹⁰² 1 *Cor* 3, 4-5.

¹⁰³ 2 *Cor* 2, 16.

¹⁰⁴ *Sl* 101 (100), 8.

¹⁰⁵ *Pr* 14, 35.

¹⁰⁶ *Sl* 104 (103), 4.

¹⁰⁷ *Sl* 103 (102), 21.

¹⁰⁸ 2 *Cor* 3, 5.

¹⁰⁹ *Tg* 1, 5.

Estes são os ensinamentos do Aquinate neste breve texto que enfatiza a dignidade do ensino e da aprendizagem da teologia¹¹⁰. Complementa a aprendizagem as recomendações que ele oferece a um certo frei João em uma carta intitulada *De modo studendi* (Sobre o modo de estudar). Eis o texto:

O MODO DE ESTUDAR

1. Por que me pedistes João, irmão caríssimo em Cristo, o que seria necessário estudar, para adquirir o tesouro da ciência, pareceu-me oportuno dar-te tais conselhos:
2. Que elejas, pois, introduzir-te, primeiramente, nas águas dos rios que nas do mar, pois debes eleger começar, a partir das coisas mais fáceis e não das mais difíceis. Portanto, esta é a minha advertência e a tua instrução.
3. Que não te apresses em julgar, nem em pronunciar-te sobre algo;
4. que estimes a pureza de consciência.
5. Que não deixes de ocupar-te da oração;
6. que ames freqüentar tua cela, se queres ser conduzido à adega do vinho da sabedoria.
7. Que sejas amável com todos;
8. Que não perguntes excessivamente nada sobre as obras alheias;
9. Que não te mostres excessivamente familiar a ninguém, pois a excessiva familiaridade produz o desprezo e a subtração do tempo necessário ao estudo;
10. Que não te intrometas, de nenhuma maneira, em discussões e acontecimentos profanos;
11. Que evites, deste modo, a discussão sobre qualquer assunto;
12. Que não deixes de imitar os exemplos dos santos e dos bons;
13. Que não atentes a quem disse, mas ao que de bom se diga, guardando-o na memória;
14. Que procures entender o que lêes e ouves;
15. Que te certifiques das dúvidas;
16. Que te esforces por abastecer o depósito de tua mente, como o ávido que se atira a saciar-se;
17. Que não questiones as coisas que estejam além de teu alcance.
18. Se tu seguires estes conselhos, poderás gerar frondosas folhas e frutos na vinha dos exércitos do Senhor. E enquanto tu viveres, produzirás e proliferarás. Se tu o seguires, pois poderás atingir aquilo a que aspiras.

¹¹⁰ Ensinamentos consortes ao que prescreve o Código de Direito Canônico e o Magistério da Igreja: CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, n° 250-253 e n° 811-812.